

NILZA SIMAS
PAULO ROBERTO SIMAS (COAUTOR)

um olhar de meia-lua
(a história de Suzy)

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024



Suzy

ANTES DA LUA CHEIA

A vida tem momentos indescritíveis e surpresas. Acordamos para realizar uma tarefa e eis que de repente estamos envolvidos em alguma adversidade que transforma a nossa vida. Deus quis que me fosse um presente de um dia de sol e foi uma dádiva para minha vida. Abrilhou o meu lar, clareou os meus dias, alegrou-me na dificuldade, curou-me de dores com suas peripécias. Fez-me de mãe em minha longa idade, fez de pai o meu marido. Preocupou-nos com seu sumiço, trouxe-nos herdeiros tão de repente como quando veio e entristeceu-nos com a sua partida. E a sua pequena história eu conto mais por amor a ela e aos grandes amigos, para ser lida e jamais esquecida, do que como uma obra escrita. É uma história simples, marcada pela emoção e feita com o coração, para lembrarmos eternamente toda vez em que a lua estiver incompleta, feito meia-lua, como o seu olhar inesquecível.

A SURPRESA

Era uma manhã ensolarada num dia qualquer de outubro de 2007. Levantei-me para as atividades diárias do lar e acabara de sair do banheiro para a cozinha quando alguém me chamou no portão. Prontamente fui verificar. Quem seria àquela hora da manhã? Surpreendi-me com uma amiga que se chamava Luciana, que chegara de bicicleta e trazia um filhote de cachorro numa cesta nas mãos.

– Oi, Luciana, tudo bem? – disse surpresa.

– Nilza, bom dia. Desculpe chamá-la a essa hora, mas uma menina passou lá em casa dizendo que ia viajar para longe com urgência e me deu esse filhote, porque, segundo ela, não poderia levá-lo. Como eu sei que você adora animais, resolvi ver se poderia ficar com ele. Eu não posso. Nilza, não há como eu ter animais em casa.

Eu já havia tido cães antes, mas ocorre que, pelas circunstâncias da vida desses animais, eles foram morrendo com o tempo e isso me abatia profundamente. Além disso, a cada perda, embora eu ainda tivesse um vivo, não desejava mais outro, porém, bastou um olhar meu ao encontro do olhar do filhote que eu me senti diferente, assim como se fosse um amor à primeira vista. Eu sorri, peguei o animal e fiquei a acariciá-lo enquanto

ele me lambia a face. Olhei bem e percebi que era uma cadela, uma linda e carinhosa cadelinha, certamente sem raça definida, provavelmente uma vira-lata com certeza, mas isso nunca me importou. Tinha o pelo amarelado numa tonalidade bem clara, com partes brancas no focinho e na barriga, suas pernas eram longas e suas patas, bem definidas.

Quando eu a coloquei no chão, ela passou a pular feito um lobo-guará, querendo meu colo. Ela tinha algo diferente de todos os cães que eu já havia visto e que me chamou atenção logo que a vi: um dos olhos tinha parte azul e o outro, castanho em formato de meia-lua em meio a uma mancha branca que chamava muito a atenção de qualquer pessoa que a visse.

Alguns dias depois soubemos que ela era descendente de uma cadela da raça husky siberiano e havia mesmo traços nela dessa raça de cães tão fascinante.

Coincidentemente, uns dias antes que ela aparecesse, eu havia sonhado com uma cachorrinha que caminhava entre a escuridão da noite com as estrelas ao fundo seguindo na direção da lua para contorná-la e depois voltava feliz ao meu encontro.

Eu havia conversado com meu marido a respeito e ele sorria com as minhas viagens noturnas enquanto dormia e sonhava, mas confessou que já havia tido um sonho parecido e então cá estava o sonho diante de nós.

Retornando ao dia e momento em que me foi entregue a cadela num cesto, após um momento de reflexão, agradei e fiquei com ela. Ela me agradeceu imensamente e partiu pedalandando sua bicicleta enquanto eu admirava e acariciava a cadelinha

em meus braços. Nós lhe demos o nome de Suzy, porque ela seria a nossa boneca, a nossa parceira no dia a dia que haveríamos de seguir e contribuiria, como tanto contribuiu para o nosso relacionamento, do casal que éramos e para a nossa vida.

Os primeiros dias com a pequenina Suzy foram divertidíssimos. Ela costumava entrar no meio das plantas para depois ficar nos olhando como se estivesse fazendo pose para ser fotografada ou a ter alguma resposta animada para que pudesse continuar. Gostava de correr pelo quintal, o que a deixava muito feliz. Porém, quando o verão chegou com o seu forte calor característico, suas patinhas esquentavam com a elevada temperatura dos blocos de cimentos colocados no quintal e então apressadamente entrava em sua vasilha de água para refrescar-se, ficando toda molhada. Brincava o tempo todo até cansar e isso nos arrancava sorrisos. O novo membro que chegara na família foi uma felicidade para todos nós, menos para o nosso outro cachorro, Charles, um cão pastor grande e já um pouco velho que criamos. Ele não ficou muito satisfeito com a chegada dela no início, nem com as brincadeiras e com a agitação que ela provocava. Rosnava e se afastava, fugia dela o quanto podia, mas aos poucos algo incrível aconteceu. Ele passou a não se importar com o que ela fazia.

Quando Suzy não estava “fazendo arte”, rasgando ou puxando roupas do varal, ela pulava sobre Charles, mordida carinhosamente as orelhas dele, rolava sobre o pelo dele, corria em volta dele, deitava-se na cauda do cão pastor para dormir. Ele passou a ser o travesseiro dela sem expressar qualquer reação. Era o brinquedo favorito dela e seu melhor amigo.

Um dia tivemos que levá-la ao veterinário e então Charles ficou surpreendentemente desesperado, reclamando com latidos fortes. E quando voltamos, tivemos que colocá-la no chão imediatamente para que ele a cheirasse e a lambesse carinhosamente, e, é claro, para que ela brincasse com ele como sempre. Quando estava fazendo frio é que nós notávamos mais ainda a diferença de tamanho. Ela parecia um ratinho com um cachorro gigante junto a ela. Enfim, os dois eram como irmãos, unidos para tudo, até para comer. Se ela não comesse, ele não comia.

Nós não tínhamos o hábito de levá-la para a rua devido ao grande quintal que tínhamos em nossa antiga casa em Cabo Frio, na Região dos Lagos, no litoral norte do Rio de Janeiro, mas percebemos que havia sido um erro. Às vezes repentinamente ela conseguia sair, abria o portão quando ele não estava com a tranca na parte de cima fechada numa agilidade e inteligência surpreendentes, pulando várias vezes até atingir o seu objetivo, e então fugia correndo rua afora. Era uma luta depois para apanhá-la. Não obedecia a nenhum dos nossos chamados. As pessoas amigas da vizinhança vinham nos ajudar a pegá-la, enquanto Charles ficava latindo desesperado, parecendo pedir que ela voltasse e, quando ela retornava, fazia o mesmo ritual de sempre, com o mesmo carinho e a mesma tranquilidade.

Mas infelizmente um dia Charles ficou doente e, já muito velhinho, estava com dezoito anos, uma idade bastante avançada para cães, logo faleceu. Isso aconteceu em 2012 e a tristeza nos abateu imensamente. Ele era como um filho para nós. Nos dias que se seguiram, Suzy passou a procurá-lo por todo o

quintal e pela casa. Sempre ia aos lugares onde ele costumava estar, cheirava, circulava, abanava o rabo, latia e se deitava sem que ele aparecesse, então ficava triste assim como nós e fechava os olhos como se dormisse. Isso durou um bom tempo até ela aceitar que ele não voltaria mais.



EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.
